

mil



de garoto

Tillie Cole



Planeta

mil
beijos
de garoto

mil
beijos
de garoto

Tillie Cole

Tradução
Marina Della Valle

 **Planeta**

Copyright © Tillie Cole, 2016

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017

Todos os direitos reservados.

Título original: *A thousand boy kisses*

Preparação: Carla Fortino Revisão: Andréa Bruno e Clara Diament Diagramação: Futura

Capa: adaptada do projeto original de Hang Le Imagem de capa: ol_dmi / shutterstock

Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C655m

Cole, Tillie

Mil beijos de garoto/ Tillie Cole ; tradução Marina Della Valle. – 1. ed. – São Paulo : Planeta, 2017.

Tradução de: *A thousand boy kisses*

ISBN: 978-85-422-0982-2

1. Romance juvenil. I. Della Valle, Marina. II. Título.

17-40261

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

2017

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21^o andar Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

*Para os que acreditam no amor verdadeiro,
épico e destruidor de almas.
Este é para vocês.*

Prólogo

Rune

Houve exatamente quatro momentos que definiram minha vida.
Este foi o primeiro.

*

Blossom Grove, Geórgia

Estados Unidos da América

Há doze anos

Aos cinco anos de idade

— Jeg vil dra! Nå! Jeg vil reise hjem igjen! — eu gritei o mais alto que pude, dizendo para a minha mamma que eu queria ir embora naquela hora! Eu queria voltar para casa!

— Não vamos voltar para casa, Rune. E não vamos embora. Nossa casa agora é aqui — ela respondeu em inglês. Ela se agachou e me olhou bem nos olhos. — Rune — disse, suavemente —, eu sei que você não queria ir embora de Oslo, mas seu pappa conseguiu um emprego novo aqui na Geórgia.

Ela passou a mão no meu braço, mas eu não me sentia melhor. Eu não queria estar neste lugar, nos Estados Unidos.

Eu queria ir embora para casa.

— Slutt å snakke engelsk! — reagi.

Eu odiava falar inglês. Desde que tínhamos saído da Noruega e chegado à América, mamma e pappa só falavam comigo em inglês. Eles diziam que eu tinha que praticar.

Eu não queria!

Minha mamma ficou em pé e levantou uma caixa do chão.

— Nós estamos na América, Rune. Eles falam inglês aqui. Você fala inglês há tanto tempo quanto fala norueguês. Está na hora de usá-lo.

Fiquei onde estava, olhando minha mamma enquanto ela passava por mim e entrava na casa. Espiei, ao redor, a pequena rua onde a gente ia morar. Havia oito casas. Eram todas grandes, mas cada uma tinha uma aparência diferente. A nossa era pintada de vermelho, com janelas brancas e uma varanda enorme. Meu quarto era grande e ficava no térreo. Achei mesmo que era, tipo, legal. Um pouco, pelo menos. Eu nunca tinha dormido no térreo antes. Em Oslo, meu quarto ficava no segundo andar.

Prestei atenção nas outras casas. Todas tinham cores brilhantes: azul-claro, amarelo, rosa... Então olhei para a que ficava ao lado. Bem ao lado – dividíamos um pedaço de grama. As duas casas eram grandes, e os jardins também, mas não havia cerca ou muro entre eles. Se eu quisesse, poderia correr para o jardim vizinho; não havia nada para impedir.

A casa era de um branco brilhante, com uma varanda ao redor. Ela tinha cadeiras de balanço e uma grande cadeira suspensa na frente. As beiradas das janelas estavam pintadas de preto, e tinha uma em frente à do meu quarto. Bem na frente! Eu não gostei daquilo. Não gostei que pudesse ver dentro do quarto deles, e eles, do meu.

Vi uma pedra no chão. Eu a chutei, observando-a rolar para a rua. E me virei para seguir minha mamma, mas então ouvi um barulho. Vinha da casa vizinha. Olhei para a porta da frente deles, mas ninguém saiu. Eu estava subindo os degraus da minha varanda quando notei um movimento ao lado da casa – na janela do quarto da casa ao lado, aquela em frente à minha.

As minhas mãos congelaram no corrimão e fiquei olhando enquanto uma garota, usando um vestido azul brilhante, se pendurava na janela. Ela pulou para a grama e limpou as mãos nas coxas. Eu franzi o cenho, com as sobrancelhas para baixo, enquanto a esperava levantar a cabeça. Ela tinha cabelos castanhos, amontoados na cabeça feito um ninho. Usava um grande laço branco na lateral da cabeça.

Quando ela olhou para cima, deu de cara comigo. E então sorriu. Ela me deu um sorriso tão grande. Acenou rápido e aí correu e parou na minha frente.

Ela estendeu a mão e disse:

— Oi, meu nome é Poppy Litchfield, eu tenho cinco anos e moro na casa ao lado.

Encarei a garota. Ela tinha um sotaque engraçado. Fazia as palavras em inglês soarem diferente do modo como aprendi na Noruega. A garota – Poppy – tinha uma mancha de lama no rosto e galochas amarelas nos pés. Cada uma delas tinha um grande balão vermelho do lado.

Ela parecia esquisita.

Subi o olhar de seus pés e reparei na sua mão. Ainda estava estendida. Eu não sabia o que fazer. Eu não sabia o que ela queria.

Poppy suspirou. Balançando a cabeça, ela pegou minha mão e a apertou. Sacudiu-a para cima e para baixo duas vezes e disse:

— Um aperto de mãos. Minha vovó sempre diz que é totalmente certo apertar a mão das pessoas que você conhece. — Ela apontou para nossas mãos. — Isso é um aperto de mãos. E isso foi educado, porque eu não conheço você.

Eu não disse nada; por alguma razão, minha voz não saía. Quando olhei para baixo, percebi que era porque nossas mãos ainda estavam juntas.

Ela também tinha lama nas mãos. Na verdade, ela tinha lama em todo lugar.

— Qual o seu nome? — perguntou Poppy.

Sua cabeça estava inclinada para o lado. Um pequeno graveto estava preso em seu cabelo.

— Ei — ela disse, puxando nossas mãos —, perguntei seu nome.

Limpei a garganta.

— Meu nome é Rune. Rune Erik Kristiansen.

Poppy torceu o rosto, os lábios rosados sobressaindo de um jeito todo estranho.

— Você fala esquisito — disparou.

Puxei minha mão.

— Nei det gjør jeg ikke! — reagi.

Seu rosto se contorceu ainda mais.

— O que você disse? — perguntou Poppy, enquanto eu me virava para entrar em casa. Não queria mais falar com ela.

Com raiva, eu me virei:

— Eu disse: “Não, eu não falo esquisito!”. Eu estava falando norueguês! — respondi, dessa vez em inglês. Os olhos verdes de Poppy ficaram enormes.

Ela chegou mais perto, e ainda mais perto, e então perguntou:

— Norueguês? Como os vikings? Minha vovó leu para mim um livro sobre os vikings. Dizia que eles eram da Noruega. — Seus olhos estavam ainda maiores. — Rune, você é um viking? — A voz tinha ficado esganiçada.

Aquilo fez com que eu me sentisse bem. Estufei o peito. Meu pappa sempre dizia que eu era um viking, como todos os homens da família. Éramos vikings grandes e fortes.

— Ja — eu disse. — Somos vikings de verdade, da Noruega.

Um grande sorriso se abriu no rosto de Poppy, e um risinho alto de garota saiu de sua boca. Ela levantou a mão e puxou meu cabelo.

— É por isso que você tem cabelo loiro comprido e olhos azuis tão claros e brilhantes. Porque você é um viking. Num primeiro momento, pensei que você fosse uma menina...

— Eu não sou menina! — interrompi, mas Poppy não pareceu se importar. Passei a mão no meu cabelo. Ele chegava ao ombro. Todos os meninos em Oslo tinham o cabelo assim.

—... mas agora percebi que é porque você é um viking da vida real. Como o Thor. Ele também tinha cabelo loiro comprido e olhos azuis! Você é igualzinho ao Thor!

— Ja — concordei. — Thor serve. E ele é o mais forte de todos os deuses.

Poppy concordou com a cabeça e então colocou as mãos nos meus ombros. Seu rosto havia ficado sério, e a voz era um sussurro.

— Rune, não conte para ninguém, mas eu saio em aventuras.

Eu torci a cara. Não entendi. Poppy chegou mais perto e me olhou nos olhos. Apertou meus braços. Inclinou a cabeça. Olhou para os lados e então se curvou para falar.

— Normalmente não levo ninguém comigo às jornadas, mas você é um viking, e todo mundo sabe que os vikings ficam altos e fortes e que eles são muito bons em aventuras e explorações, em longas caminhadas, em pegar bandidos e... em todo tipo de coisa!

Eu ainda estava confuso, mas Poppy se afastou e estendeu a mão de novo.

— Rune — ela disse, com a voz séria e forte —, você mora na casa ao lado, é um viking e eu amo vikings. Acho que devemos ser melhores amigos.

— Melhores amigos? — perguntei.

Poppy assentiu com a cabeça e espichou a mão ainda mais para o meu lado. Levantei a minha, lentamente, apertei a mão dela e a chacoalhei duas vezes, como ela havia me mostrado.

Um aperto de mão.

— Então agora somos melhores amigos? — perguntei, quando Poppy puxou a mão de volta.

— Somos! — disse ela, empolgada. — Poppy e Rune.

Ela encostou o dedo no queixo e olhou para cima. Seus lábios se projetaram de novo, como se estivesse pensando em algo difícil.

— Fica legal, não fica? Poppy e Rune, melhores amigos até o infinito!

Fiz que sim com a cabeça porque realmente soava legal. Poppy colocou a mão na minha.

— Me mostra seu quarto! Eu quero te falar sobre a nossa próxima aventura.

Ela começou a me puxar, e entramos correndo na casa.

Quando chegamos ao meu quarto, Poppy correu direto para a janela.

— *Este é o quarto bem em frente ao meu!*

Eu concordei com a cabeça, e ela deu um gritinho, correndo para pegar minha mão de novo.

— *Rune!* — *ela disse, empolgada* —, *nós podemos conversar de noite e fazer walkie-talkies com latas e barbante. Podemos cochichar nossos segredos um para o outro quando todo mundo estiver dormindo, e podemos planejar, e brincar, e...*

Poppy continuou falando, mas eu não liguei. Eu gostava do som de sua voz. Eu gostava do seu riso e do grande laço branco em seu cabelo.

Talvez a Geórgia não seja tão ruim, pensei, não se eu tiver Poppy Litchfield como minha melhor amiga.

*

E então éramos Poppy e eu desde aquele dia.

Poppy e Rune.

Melhores amigos até o infinito.

Era o que eu pensava.

Engraçado como as coisas mudam.



Corações partidos e potes de beijo de garoto

Poppy

Há nove anos

Aos oito anos de idade

— Aonde vamos, papai? — perguntei, enquanto ele segurava delicadamente minha mão, guiando-me até o carro.

Olhei para a escola, imaginando por que estava saindo cedo. Era só o intervalo do almoço. Eu não deveria ir embora ainda.

Meu pai não disse nada enquanto caminhávamos, apenas apertou minha mão. Olhei ao longo da cerca da escola, e uma sensação esquisita revirou meu estômago. Eu amava a escola, amava aprender, e a aula seguinte era de história. Era minha matéria favorita. Eu não queria perder.

— Poppy! — gritou Rune, meu amigo mais querido, de perto da cerca, quando me viu. Suas mãos apertavam com força as barras de metal. — Aonde você vai? — Eu sentava ao lado de Rune nas aulas. Estávamos sempre juntos. A escola não tinha graça quando um dos dois não estava lá.

Virei a cabeça para o rosto de meu pai, procurando respostas, mas ele não me olhou de volta. Ficou em silêncio. Olhando para Rune, eu gritei: — Eu não sei!

Rune me observou por todo o caminho até o carro. Eu me sentei no meu assento de elevação, no banco traseiro, e meu pai afivelou o cinto de segurança.

Ouvi o sinal no pátio da escola indicando o fim do almoço. Olhei pela janela e vi todas as crianças correndo de volta para dentro, mas não Rune, que

continuou na cerca me olhando. Seu longo cabelo loiro esvoaçava com o vento enquanto ele perguntava: — Você está bem?

Mas meu pai entrou no carro e deu partida antes que eu pudesse responder.

Rune correu ao longo da cerca, seguindo nosso carro, até que a srta. Davis o obrigou a entrar.

Quando a escola já não estava mais visível, meu pai disse:

— Poppy?

— Sim, papai? — respondi.

— Você sabe que a vovó está morando com a gente já faz um tempo, né?

Eu concordei com a cabeça. Minha vovó tinha se mudado para o quarto em frente ao meu um tempo atrás. Mamãe disse que era porque ela precisava de ajuda. Meu vovô morreu quando eu era um bebê. Minha vovó morou sozinha por anos, até vir morar com a gente.

— Você se lembra do que sua mãe e eu te dissemos? Sobre por que vovó não podia mais morar sozinha?

Eu suspirei e disse, baixinho:

— Sim. Porque ela precisava da nossa ajuda. Porque ela está doente.

Meu estômago revirou enquanto eu falava. Minha vovó era minha melhor amiga. Bem, ela e o Rune estavam empatados no primeiríssimo lugar. Minha vovó dizia que eu era igualzinha a ela.

Antes que ela ficasse doente, nós duas saíamos em muitas aventuras. Ela lia para mim toda noite sobre os grandes exploradores do mundo. Ela me falava sobre história: Alexandre, o Grande, os romanos e, os meus favoritos, os samurais do Japão. Eram os favoritos da vovó também.

Eu sabia que a minha vovó estava doente, mas ela nunca agia como se estivesse. Ela sempre sorria, dava abraços apertados e me fazia rir. Sempre dizia que ela tinha luar no coração e raios de sol no sorriso. Vovó me disse que aquilo significava que ela estava feliz.

Ela me deixava feliz também.

Mas nas últimas semanas vovó vinha dormindo muito. Estava sempre cansada para fazer qualquer coisa. Na verdade, na maioria das noites agora eu lia para ela, enquanto ela acariciava meu cabelo e sorria para mim. E era bom, porque os sorrisos da vovó eram o melhor tipo de sorriso para se receber.

— Certo, querida, ela está doente. Na verdade, ela está muito, muito doente. Você entende?

Franzi a cara, mas fiz que sim com a cabeça e respondi:

— Sim.

— É por isso que vamos para casa mais cedo — ele explicou. — Ela está esperando por você. Ela quer ver você. Quer ver a companheirinha dela.

Não entendi por que meu pai tinha de me levar para casa mais cedo para visitar minha vovó, quando a primeira coisa que eu fazia toda tarde depois da escola era ir ao quarto dela para conversar enquanto ela ficava na cama. Ela gostava de saber sobre meu dia.

Viramos na nossa rua e estacionamos na entrada de casa. Meu pai não se moveu por alguns segundos, mas então se virou para mim e disse: — Sei que tem só oito anos, querida, mas hoje você precisa ser uma menina corajosa, certo?

Eu assenti com a cabeça. Meu pai me deu um sorriso triste.

— Esta é a minha garota.

Ele saiu do carro e andou até meu assento. Pegou minha mão e me guiou para fora do carro em direção à casa. Eu podia ver que havia mais carros lá que o normal. Eu ia perguntar de quem eram quando a sra. Kristiansen, mãe de Rune, veio caminhando pelo jardim entre nossas casas com uma grande travessa de comida nas mãos.

— James! — ela chamou, e meu pai se virou para cumprimentá-la.

— Adelis, oi — ele disse.

A mãe de Rune parou na nossa frente. Seu longo cabelo loiro estava solto. Era da mesma cor do cabelo de Rune. A sra. Kristiansen era muito bonita, e eu a adorava. Ela era bondosa e dizia que eu era a filha que ela não teve.

— Eu fiz isso para vocês. Por favor, diga a Ivy que estamos pensando em todos vocês.

Meu pai soltou minha mão para segurar a travessa.

A sra. Kristiansen se agachou e deu um beijo no meu rosto.

— Seja uma boa menina, Poppy, certo?

— Sim, senhora — respondi e observei enquanto ela ia pela grama de volta para a casa dela.

Meu pai suspirou, então fez um gesto com a cabeça para que eu o seguisse para dentro. Assim que passamos pela porta da frente, vi minhas tias e meus tios nos sofás, meus primos sentados no chão da sala, entretidos com seus brinquedos. Minha tia Silvia estava sentada com minhas irmãs, Savannah e Ida. Elas eram mais novas que eu, tinham quatro e dois anos. Elas acenaram para mim quando me viram, mas tia Silvia as manteve em seu colo.

Ninguém falava, mas muitos enxugavam os olhos; a maioria estava chorando.

Eu estava tão confusa.

Eu me encostei na perna de meu pai, segurando com força. Alguém parou na porta da cozinha – era minha tia Della, ou DeeDee, como sempre a chamei. Ela era minha tia favorita. Era jovem e engraçada e sempre me fazia rir. Embora minha mãe fosse mais velha que a irmã, as duas eram parecidas. Ambas tinham cabelo castanho comprido e olhos verdes, como eu. Mas DeeDee era mais bonita. Eu queria ser igualzinha a ela um dia.

— Ei, Pops — ela disse, mas eu podia ver que tinha os olhos vermelhos, e a voz estava diferente.

DeeDee olhou para o meu pai. Ela tirou a travessa de comida da mão dele e disse: — Vá até lá com a Poppy, James. Está quase na hora.

Eu comecei a ir com meu pai, mas, quando percebi que DeeDee não vinha junto, olhei para trás. Fiz menção de chamá-la, porém ela se virou de repente, colocou a travessa de comida no balcão e segurou a cabeça com as mãos. Ela estava chorando, chorando tanto que saíam sons altos de sua boca.

— Papai? — cochichei, com uma sensação estranha no estômago.

Meu pai envolveu meus ombros com o braço e me guiou.

— Está tudo bem, querida. DeeDee só precisa de um minuto sozinha.

Andamos para o quarto da vovó. Um pouco antes de abrir a porta, papai disse: — A mamãe está aí, querida, e a Betty, enfermeira da vovó, também.

Franzi a testa.

— Por que uma enfermeira?

Papai abriu a porta do quarto da vovó, e minha mãe se levantou da cadeira ao lado da cama. Os olhos dela estavam vermelhos, e o cabelo, todo desarrumado. O cabelo da mamãe nunca ficava desarrumado.

Vi a enfermeira no fundo do quarto. Ela estava escrevendo algo em uma prancheta. Ela sorriu e acenou para mim quando entrei. Então olhei para a cama. Vovó estava deitada. Meu estômago revirou quando vi a agulha no braço dela, com um tubo transparente que ia dar em uma bolsa pendurada em um gancho de metal ao lado.

Fiquei imóvel, apavorada de repente. Então minha mãe veio ao meu encontro, e minha vovó olhou para mim. Ela parecia diferente da noite anterior. A pele dela estava mais pálida, e seus olhos não estavam tão brilhantes.

— Cadê minha companheirinha? — A voz de vovó estava baixa e parecia esquisita, mas o sorriso que ela me deu fez com que eu me sentisse acolhida.

Rindo para minha vovó, corri para o lado da cama.

— Estou aqui! Eu saí mais cedo da escola para ver você!

Vovó levantou o dedo e deu batidinhas na ponta do meu nariz.

— Esta é a minha garota!

Eu respondi com um sorriso bem grande.

— Eu só queria que você viesse me visitar um pouquinho. Eu sempre me sinto melhor quando a luz da minha vida senta ao meu lado e fala um pouco comigo.

Sorri de novo. Porque *eu* era a “luz da vida dela”, “a menina dos olhos dela”. Ela sempre me chamou assim. Vovó me disse em segredo que isso significava que eu era a favorita dela. Mas eu não poderia contar isso para ninguém, para não chatear meus primos e minhas irmãzinhas. Era nosso segredo.

Então senti mãos na minha cintura – era meu pai me levantando para me sentar na cama ao lado da vovó. Ela pegou minha mão e apertou meus dedos, mas tudo o que eu podia notar era como as mãos dela estavam geladas. Vovó inspirou profundamente, emitindo um som esquisito, como se algo crepitasse no peito dela.

— Vovó, você está bem? — perguntei e me debrucei sobre ela para lhe dar um beijo no rosto. Ela normalmente cheirava a tabaco, de todos os cigarros que fumava. Mas hoje eu não sentia o cheiro de fumaça nela.

Vovó sorriu e respondeu:

— Estou cansada, garotinha. E eu...

Vovó inspirou novamente, e seus olhos se fecharam por um momento. Quando abriram de novo, ela se mexeu na cama e disse: — ... estou indo embora por um tempo.

Eu franzi o rosto.

— Para onde você vai, vovó? Posso ir também? Nós *sempre* vamos juntas para as aventuras.

Vovó sorriu, mas balançou a cabeça.

— Não, garotinha. Você não pode ir para onde eu vou. Ainda não. Mas um dia, daqui a muitos anos, você vai me ver de novo.

Minha mãe soltou um soluço atrás de mim, mas eu apenas fiquei olhando, confusa, para minha vovó.

— Mas para onde você vai, vovó? Eu não entendo.

— Para casa, amorzinho — disse ela. — Estou indo para *casa*.

— Mas você está em casa — rebati.

— Não. — Vovó balançou a cabeça. — Este não é nosso verdadeiro lar, garotinha. Esta vida... bem, ela é só uma grande aventura enquanto a temos. Uma aventura para apreciar e amar com todo o nosso coração antes de ir para a maior aventura de todas.

Meus olhos se arregalaram de entusiasmo, então me senti triste. Triste de *verdade*. Meu lábio inferior começou a tremer, e eu disse: — Mas nós somos as melhores companheiras, vovó. Sempre vamos juntas a nossas aventuras. Você não pode ir sem mim.

Lágrimas começaram a rolar de meus olhos e escorrer pelo rosto. Minha vovó levantou a mão livre para enxugá-las. Aquela mão estava tão fria quanto a que eu estava segurando.

— Nós sempre vamos nos aventurar juntas, garotinha, mas não desta vez.

— Você não tem medo de ir sozinha? — perguntei.

Minha vovó suspirou.

— Não, garotinha, não é preciso ter medo. Não estou nem um pouco assustada.

— Mas eu não quero que você vá — supliquei, e minha garganta começou a doer.

A mão de vovó permaneceu no meu rosto.

— Você ainda vai me ver em seus sonhos. Isto não é um adeus.

Pisquei. Então pisquei de novo.

— Do mesmo jeito que você vê o vovô? Você sempre diz que ele te visita em seus sonhos. Fala com você e beija sua mão.

— Exatamente assim — ela disse.

Enxuguei minhas lágrimas. Vovó apertou minha mão e olhou para minha mãe atrás de mim. Quando me olhou de novo, disse: — Enquanto eu estiver fora, eu tenho uma nova aventura para você.

Fiquei imóvel. E então perguntei:

— Você tem?

Um som de vidro sendo colocado numa mesa me distraiu. Isso fez com que eu quisesse olhar em volta, mas, antes que eu pudesse, vovó perguntou: — Poppy, o que eu sempre digo que é a lembrança favorita da minha vida? A coisa que sempre me fez sorrir?

— Os beijos do vovô. Os doces beijos de garoto dele. Todas as memórias de todos os beijos de garoto que ele te deu. Você me disse que são suas memórias favoritas. Não coisas, nem dinheiro, mas os beijos que recebeu do vovô, porque foram todos especiais e fizeram você sorrir, sentir que era amada, porque ele era sua alma gêmea. Seu para sempre e sempre.

— Está certo, garotinha — ela respondeu. — Então, para sua aventura...

Vovó olhou para minha mãe novamente. Dessa vez, quando olhei em volta, vi que ela segurava um grande pote de conservas cheio até o topo com muitos corações de papel cor-de-rosa.

— Uau! O que é isso? — perguntei, empolgada.

Mamãe colocou o pote em minhas mãos, e minha vovó deu umas batidinhas na tampa.

— São mil beijos de garoto. Ou ao menos vão ser, quando você preencher todos.

Meus olhos se arregalaram enquanto eu tentava contar todos os corações. Mas eu não conseguia. Mil era muito!

— Poppy — minha vovó disse, quando olhei para seus olhos verdes brilhando —, *esta é a sua aventura*. É como eu quero que você se lembre de mim enquanto eu estiver fora.

Eu olhei para o pote de novo.

— Mas eu não entendo.

Vovó se virou para sua mesinha de cabeceira e pegou uma caneta. Ela a passou para mim e disse: — Já faz um tempo que estou doente, garotinha, mas as lembranças que fazem com que eu me sinta melhor são aquelas em que seu vovô me beijou. Não só os beijos de todo dia, mas os especiais, aqueles em que meu coração quase explodiu no meu peito. Os beijos que vovô fez questão de que eu jamais me esquecesse. Os beijos na chuva, os beijos no pôr do sol, o beijo que demos na nossa formatura... Aqueles em que ele me segurou forte e sussurrou no meu ouvido que eu era a menina mais bonita do lugar.

Eu só ouvia, sentindo meu coração cheio. Vovó apontou para todos os corações no pote.

— Este pote é para você registrar seus beijos de garoto, Poppy. Todos os beijos que fizerem seu coração quase explodir, aqueles que forem os mais especiais, os que você vai querer lembrar quando estiver velha e grisalha como eu, os que farão você sorrir quando se lembrar deles.

Dando batidinhas na caneta, ela continuou:

— Quando você encontrar o garoto que será seu para sempre e sempre, a

cada vez que ganhar um beijo muito especial dele pegue um coração. Escreva onde vocês estavam quando se beijaram. Então, quando você for uma vovó também, seu netinho ou sua netinha, melhor companheiro ou companheira que você tiver, poderá ouvir tudo sobre eles, como eu te contei sobre os meus. Você vai ter um pote do tesouro de todos os beijos preciosos que fizeram seu coração voar.

Eu observei o pote e soltei o ar.

— Mil é um monte. É um monte de beijos, vovó!

Vovó riu.

— Não é tanto quanto você pensa, garotinha. Especialmente quando você encontrar sua alma gêmea. Você tem muitos anos pela frente.

Vovó respirou fundo e seu rosto se contraiu, como se ela estivesse sentindo dor.

— Vovó — chamei, sentindo-me muito assustada. A mão dela apertou a minha.

Vovó abriu os olhos, e dessa vez uma lágrima rolou por sua face pálida.

— Vovó? — eu disse, dessa vez mais baixo.

— Estou cansada, garotinha. Estou cansada, e está quase na minha hora de ir. Eu só queria te ver uma última vez, para te dar este pote. Para beijá-la, assim posso me lembrar de você todo dia no céu até vê-la novamente.

Meu lábio inferior começou a tremer de novo. Minha vovó balançou a cabeça.

— Sem lágrimas, garotinha. É só uma pequena pausa em nossas vidas. E estarei zelando por você, todos os dias. Estarei em seu coração. Estarei no bosque florido que amamos tanto, no sol e no vento.

Os olhos de vovó se apertaram, e as mãos de minha mãe pousaram em meus ombros.

— Poppy, dê um grande beijo na vovó. Ela está cansada agora. Ela precisa descansar.

Respirando fundo, eu me inclinei e dei um beijo no rosto de minha vovó.

— Eu te amo — sussurrei.

Ela acariciou meus cabelos.

— Eu também te amo, garotinha. Você é a luz da minha vida. Nunca se esqueça de que eu te amei tanto quanto uma avó pode amar sua netinha.

Segurei a mão dela e não queria soltar, mas meu pai me tirou da cama, e

minha mão por fim deixou a dela. Eu apertei bem forte meu pote, enquanto minhas lágrimas caíam. Meu pai me pôs no chão e, enquanto eu me virava para sair, vovó chamou meu nome: — Poppy?

Olhei para trás e minha vovó estava sorrindo.

— Lembre-se: *corações de luar e sorrisos de raios de sol...*

— Eu sempre vou me lembrar — eu disse, mas não me senti feliz. Tudo o que senti foi tristeza. Escutei minha mãe chorando atrás de mim. DeeDee passou por nós no corredor. Ela apertou meu ombro. O rosto dela também estava triste.

Eu não queria mais ficar ali. Não queria mais ficar naquela casa. Olhei para o meu pai e perguntei: — Papai, posso ir ao bosque florido?

Papai suspirou:

— Sim, querida. Eu vou dar uma olhada em você depois. Apenas tenha cuidado.

Vi meu pai pegar o telefone e ligar para alguém. Ele pediu para a pessoa ficar de olho em mim enquanto eu estivesse no bosque, mas corri antes de descobrir quem era. Segui para a porta da frente, apertando contra o peito meu pote de mil beijos de garoto em branco. Corri para fora da casa, depois da varanda. Corri, corri e não parei mais.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Ouvi chamarem meu nome.

— Poppy! Poppy, espere!

Olhei para trás e vi Rune me observando. Ele estava em sua varanda, mas começou a correr atrás de mim pela grama. Eu não parei, nem mesmo para Rune. Eu tinha que chegar às cerejeiras. Era o lugar favorito de minha vovó. Eu queria estar no lugar favorito dela. Porque eu estava triste por ela estar indo embora. Indo para o céu.

O lar de verdade dela.

— Poppy, espere! Vá mais devagar — gritou Rune, enquanto eu dobrava a esquina para o bosque no parque.

Atravessei correndo a entrada; as grandes cerejeiras, que estavam floridas, faziam um túnel sobre minha cabeça. A grama era verde sob meus pés, e o céu estava azul acima de mim. Pétalas brancas e cor-de-rosa cobriam as árvores. Então, bem no final do bosque, estava a maior árvore de todas. Seus galhos pendiam quase até o chão. O tronco era o mais grosso de todo o bosque.

Era a favorita absoluta minha e de Rune.

E da vovó também.

Eu estava sem fôlego. Quando cheguei debaixo da árvore favorita de vovó,

afundei no chão, apertando meu pote, enquanto lágrimas rolavam pelo meu rosto. Eu senti Rune parar ao meu lado, mas não olhei para cima.

— *Poppymín?* — disse Rune. Era como ele me chamava. Significava “minha Poppy” em norueguês. Eu adorava quando ele falava norueguês comigo. — *Poppymín, não chore* — ele sussurrou.

Mas eu não conseguia evitar. Eu não queria que minha vovó me deixasse, mesmo sabendo que ela precisava ir. Eu sabia que, quando voltasse para casa, vovó não estaria mais lá: nem agora, nem nunca.

Rune sentou ao meu lado e me puxou para um abraço. Eu me aconcheguei no peito dele e chorei. Eu amava os abraços de Rune, ele sempre me apertava tão forte.

— Minha vovó, Rune, ela está doente e indo embora.

— Eu sei, minha mãe me contou quando voltei da escola.

Concordei com a cabeça, ainda encostada no peito dele. Quando eu já não conseguia mais chorar, me sentei, enxugando o rosto. Olhei para Rune, que estava me observando. Tentei sorrir. Assim que consegui, ele pegou minha mão e a levou ao peito.

— Sinto muito que esteja triste — disse Rune, apertando minha mão. A camiseta dele estava morna do sol. — Não quero que você fique triste, *nunca*. Você é *Poppymín*; você sempre sorri. Você está sempre feliz.

Funguei e apoiei a cabeça no ombro dele.

— Eu sei. Mas vovó é minha melhor amiga, Rune, e eu não a terei mais.

Rune não falou nada no começo, depois disse:

— Eu também sou seu melhor amigo. E não vou a lugar algum. Eu prometo. Sempre e sempre.

Meu peito, que estava doendo muito, de repente não doía mais tanto. Concordei com a cabeça.

— Poppy e Rune até o infinito — eu disse.

— Até o infinito — ele repetiu.

Ficamos quietos por um tempo, até que Rune perguntou:

— Para que serve esse pote? O que tem dentro?

Puxando minha mão de volta, peguei o pote e o levantei no ar.

— Minha vovó me deu uma nova aventura. Uma que vai durar minha vida inteira.

As sobrancelhas de Rune se moveram para baixo e seu longo cabelo loiro

caiu sobre os olhos. Baixei o pote, e Rune deu aquele seu meio sorriso. Todas as meninas da escola queriam que ele sorrisse daquele jeito para elas – elas me disseram. Mas ele sorria assim apenas para mim. Eu disse que nenhuma delas poderia ficar com ele, de nenhum jeito, pois ele era meu melhor amigo e eu não queria dividi-lo com ninguém.

Rune apontou para o pote.

— Eu não estou entendendo.

— Você lembra quais são as memórias favoritas da minha vovó? Eu já te contei.

Eu podia ver Rune pensando intensamente, então ele disse:

— Beijos do seu vovô?

Assenti com a cabeça e puxei uma pétala rosa-claro de flor de cerejeira do galho que pendia ao meu lado. Observei a pétala. Elas eram as favoritas da minha vovó. Ela gostava delas porque não duravam muito. Ela me falou que as melhores coisas, as mais bonitas, nunca permanecem por muito tempo. Ela disse que uma flor de cerejeira era bonita demais para durar o ano todo. Era mais especial porque sua vida era curta. Como o samurai: beleza extrema, morte rápida. Eu ainda não tinha muita certeza do que isso significava, mas ela disse que eu entenderia melhor à medida que ficasse mais velha.

E acho que ela estava certa. Porque minha avó não era tão velha e estava indo embora jovem – pelo menos foi o que papai disse. Talvez fosse por isso que ela gostava tanto das flores de cerejeira. Porque era igual a elas.

— *Poppymín?*

A voz de Rune me fez olhar para cima.

— Estou certo? Beijar seu avô eram as lembranças favoritas de sua vovó?

— Sim — respondi, deixando a pétala cair —, *todos* os beijos que ganhou que fizeram o coração dela quase explodir. Vovó disse que os beijos dele eram as melhores coisas do mundo. Porque significavam que ele a amava, que se importava com ela. E ele gostava dela *exatamente* por quem ela era.

Rune fitou o pote e bufou.

— Ainda não estou entendendo, *Poppymín*.

Eu ri, e ele fez um bico e uma careta. Ele tinha belos lábios; eram bem grossos, com um arco perfeito. Abri o pote e puxei um coração de papel cor-de-rosa sem nada escrito. Eu o segurei no ar, entre mim e Rune.

— Isto é um beijo vazio. — Então aponte para o pote e continuei: — Vovó me deu mil deles para colecionar na minha vida. — Coloquei o coração de volta no pote, peguei a mão dele e disse: — Uma nova aventura, Rune. Colecionar mil

beijos de garoto antes de morrer... beijos da minha alma gêmea.

— O quê, Poppy? Estou confuso — disse ele, mas eu podia ouvir a raiva em sua voz. Rune podia ser bem genioso quando queria.

Eu puxei a caneta do bolso.

— Quando o garoto que eu amo me beijar, quando for tão especial que meu coração poderia quase explodir... *apenas* os beijos *muito* especiais... eu tenho que escrever os detalhes em um desses corações. É para quando eu ficar velha e grisalha e quiser contar para meus netinhos tudo sobre os beijos realmente especiais da minha vida. E sobre o garoto doce que me beijou. — Eu me levantei, sentindo a empolgação dentro de mim. — É o que vovó queria para mim, Rune. Então tenho que começar logo! Quero fazer isso por ela.

Rune também ficou de pé. Justamente nesse momento uma rajada de vento soprou pétalas de flor de cerejeira bem onde estávamos, e eu sorri. Mas Rune não estava sorrindo. Na verdade, ele parecia furioso.

— Você vai beijar um garoto, para o seu pote? Um garoto especial? Que você ama? — ele perguntou.

Assenti.

— Mil beijos, Rune! *Mil!*

Rune balançou a cabeça e fez bico de novo.

— NÃO! — ele rosnou.

O sorriso sumiu do meu rosto.

— O quê? — perguntei.

Rune se aproximou, balançando a cabeça mais forte.

— Não! Eu não quero você beijando um garoto para o seu pote! Eu não vou deixar!

— Mas... — tentei falar, mas Rune tomou minha mão.

— Você é *minha* melhor amiga — ele disse e estufou o peito, puxando minha mão. — Eu não quero você beijando garotos!

— Mas eu tenho que beijar — expliquei, mostrando o pote. — Eu tenho que beijar para a minha aventura. Mil beijos é muita coisa, Rune. Muita coisa! Você ainda seria meu melhor amigo. Ninguém jamais será tão importante para mim, seu bobo.

Ele olhou intensamente para mim, depois para o pote. Meu peito doeu de novo. Pelo olhar em seu rosto, eu via que ele não estava feliz. Ele tinha ficado mal-humorado de novo.

Cheguei mais perto do meu melhor amigo, e os olhos de Rune se fixaram nos meus.

— *Poppymín* — ele disse, com a voz mais profunda, dura e forte. — *Poppymín!* Essa palavra significa *minha Poppy*. Até o infinito, para sempre e sempre. Você é *minha Poppy!*

Abri a boca para gritar com ele, dizer que era uma aventura que eu *tinha* que começar. Mas, assim que fiz isso, Rune se inclinou para a frente e pressionou os lábios nos meus.

Eu congelei. Não conseguia mover um músculo sequer enquanto sentia seus lábios. Eram mornos. Rune tinha gosto de canela. O vento soprou seu cabelo longo sobre meu rosto. Começou a fazer cócegas no meu nariz.

Rune se afastou um pouco, mas seu rosto ficou perto do meu. Tentei respirar, mas meu peito estava esquisito, meio leve. E meu coração estava batendo rápido. Tão rápido que coloquei a mão no peito para senti-lo tão acelerado dentro de mim.

— Rune — sussurrei. Levantei a mão para colocar os dedos sobre os lábios. Ele piscou várias vezes enquanto me observava. Estendi minha mão e pousei os dedos sobre os seus lábios. — Você me beijou — eu disse, aturdida.

Rune levantou a mão para segurar a minha. Ele baixou nossas mãos unidas para seu lado.

— *Eu vou te dar mil beijos, Poppymín. Todos eles. Ninguém nunca vai beijar você, só eu.*

Meus olhos se arregalaram, mas meu coração não desacelerou.

— Isso seria para sempre, Rune. *Nunca* ser beijada por mais ninguém significa que ficaremos juntos para sempre e sempre e sempre.

Rune fez que sim com a cabeça e então sorriu. Ele não sorria muito. Normalmente, dava um meio sorriso ou um sorrisinho. Mas ele deveria sorrir sempre. Ele ficava lindo quando sorria.

— Eu sei. Porque somos para sempre e sempre. Até o infinito, lembra?

Assenti com a cabeça lentamente e então a inclinei para o lado.

— Você vai me dar todos os meus beijos? O suficiente para encher este pote *inteiro?* — perguntei.

Rune deu outro sorrisinho.

— Todos eles. Vamos encher o pote inteiro e mais. Vamos juntar bem mais que mil.

Dei um suspiro e então me lembrei do pote. Puxei de volta minha mão,

assim conseguiria alcançar a caneta e abrir a tampa do pote. Peguei um coração e me sentei para escrever. Rune se ajoelhou diante de mim e colocou a mão sobre a minha, impedindo-me de escrever.

Olhei confusa para ele. Ele engoliu em seco, enfiou o cabelo atrás da orelha e perguntou: — Quando... eu... beijei você... seu coração quase explodiu? Foi muito especial? Você disse que só os beijos muito especiais iam para o pote. — Ao dizer isso, ele ficou vermelho e baixou os olhos.

Sem pensar, coloquei os braços em torno do pescoço do meu melhor amigo. Encostei o rosto em seu peito e escutei seu coração.

Estava batendo tão rápido quanto o meu.

— Foi, Rune. Foi tão especial quanto é possível ser especial.

Senti Rune sorrindo e me afastei um pouco. Cruzei as pernas e coloquei o coração de papel sobre a tampa do pote. Rune também se sentou de pernas cruzadas.

— O que você vai escrever? — ele perguntou.

Encostei a caneta no lábio enquanto pensava. Sentei-me reta e me inclinei para a frente, pressionando a caneta no papel.

Beijo 1

Com meu Rune.

No bosque florido.

Meu coração quase explodiu.

Quando terminei de escrever, guardei o coração no pote e fechei bem a tampa. Olhei para Rune, que tinha me observado o tempo todo, e anunciei, orgulhosa: — Aqui está. Meu primeiro beijo de garoto!

Ele assentiu com a cabeça, mas seus olhos se voltaram para os meus lábios.

— *Poppymín?*

— Sim? — sussurrei.

Rune pegou minha mão e começou a fazer traços nela com a ponta do dedo.

— Posso... Posso te beijar de novo?

Engoli em seco, sentindo um frio na barriga.

— Você quer me beijar de novo... já?

Rune fez que sim com a cabeça.

— Fazia tempo que eu queria beijar você. E, bem, você é minha e gostei disso. Gostei de te beijar. Você tem gosto de açúcar.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Mil beijos de garoto"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).